

Avenida Sete de Setembro: o retrato de um passado presente e o seu legado para o turismo em Manaus-Amazonas

Márcia Raquel Cavalcante Guimarães¹
Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira²

Resumo: O espaço urbano proporciona o conhecimento das manifestações da sociedade materializadas em suas ruas, avenidas, edificações e praças que acabam estabelecendo uma relação dialética entre os elementos naturais e sociais, permitindo uma melhor compreensão do processo que, ao longo do tempo, foi responsável por sua configuração. O objetivo geral dessa pesquisa foi analisar a importância da Avenida Sete de Setembro, como um local que oportuniza o conhecimento, a reafirmação da identidade local e do papel que este lugar desempenha no desenvolvimento turístico da cidade. Nela há diferenciais em relação a outros espaços de Manaus, já que nesse local coexistem elementos relacionados à evolução da cidade, representados por edificações, praças, ponte de ferro, monumentos e, recentemente, intervenções do Governo do Estado, através do **PROSAMIM**. O estudo é qualitativo, do tipo estudo de caso, utilizando-se de fontes bibliográficas e documentais. Seu arcabouço teórico e método de análise alicerçaram-se no paradigma da formação sócio-espacial de Milton Santos. As modificações ocorridas na Avenida foram resultado da circulação de mercadorias e do capital financeiro de dois marcos no desenvolvimento econômico da capital: o **ciclo da borracha** e a criação da **Zona Franca de Manaus**. Passado e presente conseguem dialogar ao longo da Avenida, dentro de uma perspectiva evolutiva e sócio-econômica de Manaus, representando, assim uma grande atratividade turística para visitantes e residentes.

Palavras-chave: Paisagem Urbana. Turismo. Patrimônio Histórico-Cultural. Formação Sócio-Espacial.

Introdução

O turismo pode desempenhar um importante papel na educação e na formação cultural da sociedade, visto que o ato de viajar proporciona não apenas lazer, mas também conhecimento e cultura. Não é raro passar despercebido ao olhar do residente ou do turista o contexto sócio-espacial de uma rua ou avenida. Na realidade, poucas pessoas conseguem entender ou se inserir

¹ Turismóloga e Mestre em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí-UNIVALI/SC. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas- FAPEAM e Docente da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas-UEA. E-mail: marciarcg@ig.com.br e mguimaraes@uea.edu.br.

² Doutora em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1997). Atualmente é professora do Programa de Mestrado em Turismo e Hotelaria da UNIVALI, professora participante do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Email: raquelfontespereira@gmail.com.

no processo de construção de um espaço, que vai além da materialização da arquitetura de prédios, monumentos, edificações diversas ou logradouros. A história das principais edificações localizadas na Avenida Sete de Setembro demonstra apenas fatos e datas de forma isolada, sem uma relação evolutiva com a paisagem construída na Avenida ao longo dos séculos. A construção, pavimentação e urbanização de ruas ou avenidas são elementos de base da formação visual de uma capital e de integração da população, residente ou em trânsito, com esse aspecto de urbanidade do ser humano, que também é um elemento de atratividade turística de um local.

A Avenida Sete de Setembro é um logradouro público, contendo edificações de interesse turístico, marcos arquitetônicos que se destacam na paisagem urbana, faz parte do bairro Centro e está nos limites do Centro Antigo de Manaus, estabelecido pelo art.342 e o seu início no Sítio Histórico da Cidade disposto no art. 235, os dois mencionados na Lei Orgânica do Município de Manaus-**LOMAN**. Começa no antigo bairro de São Vicente (hoje Centro), especificamente ao lado do edifício do Paço da Liberdade (antiga Prefeitura Municipal) e prossegue até encontrar a Avenida Castelo Branco, no bairro da Cachoeirinha. É composta de 34 quateirões e atravessa três igarapés, o de Manaus, o de Bittencourt e o Mestre Chico. Via de mão única de acesso ao centro de Manaus, com um movimento intenso, fluxo direcionado no sentido centro-bairro e parte dela servindo como artéria de interligação de ruas. Possui estacionamento, passeios de ambos os lados em toda sua extensão e três pontes antigas, as quais foram recentemente restauradas. Inicia-se com 4,80 metros de largura (no trecho inicial do entorno do Paço da Liberdade) e termina com 12 metros (na parte final do entorno da Ponte Benjamim Constant). Sua extensão é de 2.430 metros e está localizada 03°08.087' sul (latitude) e 060°01.077' oeste (longitude). Esse espaço geográfico possui representatividade legal (sob a tutela do governo municipal e estadual) da identidade manauara. Esse arcabouço de leis de proteção ao patrimônio histórico e cultural, recentemente, recebeu a intervenção federal, por intermédio do IPHAN, que reconheceu a importância do Centro Histórico de Manaus para o país, determinando sua proteção, através do tombamento da área, publicado no diário oficial da União nº 222 de 22 de novembro de 2010.

Falar sobre Manaus é de fato relacionar às características de formação social, cultural e econômica da região amazônica como forma de explicação da configuração da paisagem, seja ela urbana ou natural, onde o homem e a sociedade amazônica desenvolveram-se em um processo histórico e institucional secular (BENCHIMOL, 2009). Assim, a paisagem da Avenida Sete de Setembro é consequência das características da formação social e econômica da região, inserida no contexto nacional e internacional, pois os objetos geográficos nela contidos são fruto da combinação de elementos físicos, biológicos e humanos que atribuíram características singulares a toda região e, em particular à cidade de Manaus. Essa área é depositária da maior parte do patrimônio edificado remanescente da fundação e evolução urbana de Manaus, uma espécie de marco urbano da cidade, com valores patrimoniais distintos e complementares, como o paisagístico, o urbanístico, o histórico e o pré-histórico, fortemente entrelaçados como autênticos representantes do patrimônio natural e cultural da região. A escolha dessa área para a pesquisa, deu-se em função da inexistência de estudos acerca deste espaço como um roteiro único. Nela, o turismo acontece de forma espontânea e individual no que se refere ao patrimônio arquitetônico, os visitantes conhecem os lugares ou prédios históricos de forma isolada, não como um todo em relação à localização contínua dos mesmos naquele espaço urbano.

No que concerne aos procedimentos metodológicos o trabalho enquadra-se na pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso que, de acordo com Yin (2005), corresponde a uma estratégia de pesquisa que contribui com o conhecimento dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais, políticos, além de outros relacionados. Através desse método buscou-se compreender fenômenos sociais complexos no contexto da Avenida Sete de Setembro, numa perspectiva que permitiu abarcar os múltiplos elementos responsáveis por sua configuração. O presente estudo, no enfoque dos objetivos, classifica-se como descritivo, pois, procura aprimorar idéias ou descobrir intuições, identificando os fatores que contribuem para a ocorrência desses fenômenos através da observação dos fatos (DENCKER, 1998). A pesquisa utilizou-se de fontes documentais bem como de levantamentos bibliográficos, iconográficos, cartográficos entre outros para compor a análise.

Em suma, a finalidade desse trabalho é de ampliar o olhar, pois se percebe que não é dada a devida importância ao contexto social e histórico da Avenida Sete de Setembro como um conjunto único de diferenças espaciais urbanas singulares, que poderia ser mais bem explorado no contexto turístico, reforçando os aspectos de identidade e memória do lugar para residentes e visitantes.

A formação sócio-espacial como método de análise e a valorização do patrimônio histórico-cultural no desenvolvimento turístico de um local.

O referencial teórico-metodológico escolhido para o desenvolvimento da pesquisa está fundamentado no paradigma de formação sócio-espacial proposto por Milton Santos, que permite uma melhor compreensão da realidade possibilitando analisar a dinâmica econômica e urbana da Amazônia Ocidental e de Manaus, em particular, inserida num contexto mais amplo que é definido pela atuação das forças produtivas externas à região e por suas repercussões locais. Milton Santos (1980) afirma que a noção de formação social como categoria da realidade e como categoria analítica "concerne à evolução diferencial das sociedades- em seu próprio quadro e em relação com forças externas das quais frequentemente lhe vem um impulso motor". É necessário interpretar o espaço humano em sua historicidade, à luz da dinâmica mundial associada à realidade local, e isso implica em considerar a categoria de Formação Econômica e Social como a melhor ferramenta de análise do desenvolvimento de qualquer sociedade. Na relação dialética Miltoniana é que se pretende desvelar a simbiose contida em cada momento da evolução e construção dos objetos, edificações e marcos da Avenida Sete de Setembro, dentro de um processo histórico, econômico e social, revelando, assim, a profundidade e especificidade dessa paisagem no contexto mundial, nacional, regional e local.

O turismo é um setor que por essência apropria-se do espaço como lugar de interação entre o sujeito do turismo (turista), os atrativos e equipamentos turísticos, além da comunidade receptora, tendo na espacialidade um pressuposto para o seu desenvolvimento. Uma das bases da fundamentação dessa pesquisa está no entendimento da paisagem em relação à sua tipificação urbana e natural complementada por pontos esclarecedores de distinção entre os conceitos de espaço, paisagem e no conjunto delas, na produção do espaço turístico. A análise em questão

propôs colocar a Avenida Sete de Setembro como uma soma de elementos naturais e humanos, onde a sua localização próxima ao rio Negro e os igarapés que cortam o centro da cidade, constitui o núcleo balizador para o entendimento da ocupação territorial e da transformação do espaço pelo homem. Santos (1988) afirma que o espaço é o resultado da soma e da síntese, sempre refeita, da paisagem com a sociedade através da espacialidade. Onde a paisagem tem permanência e a espacialidade é um momento. O mesmo complementa que na busca incessante de geografização, a sociedade está subordinada à lei do espaço preexistente, não sendo subordinada à paisagem, que, tomada isoladamente, é um vetor passivo e um valor atribuído à cada fração pela vida que metamorfoseia a paisagem em espaço, no qual permite a seletividade da espacialização. Desta forma, a Avenida Sete de Setembro corresponde a uma fração do Centro Histórico de Manaus, no qual se vislumbra a concretização dos conceitos de paisagem e espaço respectivamente. Na medida em que se tem na soma das diversas paisagens mescladas ao contexto sócio-econômico e histórico da região, obtém-se a noção de espaço atribuída ao Centro Antigo e na fração desse espaço, a paisagem urbana da Avenida.

A atividade turística se apropria desse processo de interação entre homem e paisagem no momento em que planeja e organiza os atrativos turísticos que ficarão a disposição do residente e do visitante/turista para conhecer, interpretar e experenciar os produtos materializados na paisagem urbana, como edificações, praças, ruas e monumentos. Por conseguinte, a paisagem considerada como forma do espaço geográfico expressa movimento, historicidade e sua natureza social, o urbano (espaço e paisagem) apresenta-se como reprodução da história de forma contínua, onde elementos atuantes, passado e presente, materializam as relações da sociedade em um determinado momento da história da humanidade. Para Boullón (2002) o espaço turístico é a combinação de todos esses elementos, na presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos que, não devemos esquecer, constituem a matéria-prima do turismo, produzidos tanto pelo homem como pela natureza. A produção da paisagem turística decorre do envolvimento entre os meios de comunicação, que veiculam as imagens e descrições dos lugares, e a construção de cenários de lazer pelas intervenções urbanísticas e através da arquitetura (SILVA, 2004).

O destaque da formação da paisagem como um reflexo da apropriação dos elementos naturais pela sociedade, bem como o entendimento de que o espaço é produto de consumo e mercadorização usufruído pela atividade turística, exige a abordagem de aspectos relativos ao patrimônio histórico-cultural, visto que ele representa a manifestação física e tangível da sociedade naquele momento e em um determinado espaço geográfico. A interpretação e o conhecimento das particularidades dessas edificações, praças e monumentos auxiliam no processo de construção, valorização e reconhecimento, por parte da população local, que diferenciam um lugar, ou seja, reconhece nele a sua identidade. Esses conjuntos de recursos culturais formam, juntamente com a natureza, os atrativos turísticos, porém sua disponibilidade enquanto produto turístico está associada à existência de equipamentos e infra-estrutura que atendam às necessidades e desejos dos turistas e visitantes. Sendo assim, a cultura assume um papel importante na atratividade de um lugar. O patrimônio edificado é a tangibilização do sentido conceitual de cultura, pois engloba sua materialidade com o modo de vida do ser humano, somado aos elementos imateriais. Portuguese (2004) propõem pensar o espaço turístico a partir de suas formas arquitetônicas antigas, significando uma interpretação do mundo vivido pelos grupos sociais que antecederam a vida moderna, despertando o interesse e a curiosidade dos turistas. Investir em interpretação significa agregar valor ao produto turístico, pois para a sua formatação, constitui-se em um componente essencial e adquire aspectos singulares e distintivos quando se apoia na cultura e em paisagens especiais. A valorização do meio ambiente urbano e natural, da história, dos saberes e fazeres culturais amplia o processo de diversificação do produto, aumentam a permanência no destino e possibilita a abertura de novos mercados para diferentes nichos turísticos (MURTA; ALBANO, 2005). Muitos turistas procuram o reencontro com o passado, com tradições e identidades, uma espécie de resposta ao processo de mundialização da cultura, acelerada a partir da segunda metade do século XX, acarretando na ressignificação de uma série de conceitos e valores (BARRETTO, 2007). Cultura e turismo nos últimos anos foram valorizados, sendo fundamentais para o desenvolvimento de cidades, regiões e países. A exploração da cultura como atrativo turístico possibilitou o crescimento do turismo cultural, principalmente em ambientes urbanos. O patrimônio cultural (material e imaterial) é a matéria-prima do turismo

cultural simbolizando a identidade de uma comunidade, nas dimensões locais, regionais ou nacionais. Camargo (2002) expõem a preservação ou conservação das edificações e dos conjuntos urbanos como uma necessidade face ao grau de destruição que as mesmas vem sofrendo no mundo.

Analisar e interpretar o patrimônio é considerar que ele pertence à cultura em seu sentido amplo, está fundamentalmente relacionado ao passado e um legado cultural de um povo pelo qual se converge em uma representação da comunidade que herdou e o detém com a finalidade de tornar-se um símbolo de identidade cultural dessa comunidade. Para Gastal (2001) as novas exigências do público-consumidor - os turistas - levam a um novo pensar de cultura, não apenas como motivação para a viagem, mas como insumo específico, ao lado dos atrativos naturais e dos serviços, na concepção e formatação do produto turístico. Os atrativos são pontos centrais para um destino turístico, em função da sua representatividade no processo de decisão e motivação de visitantes e ainda, sendo um ambiente utilizado para estudos sobre o perfil da demanda e do mercado de turismo de qualquer localidade (MAZARO; VARZIN, 2008). Isso faz da Avenida Sete de Setembro, um espaço potencial para se tornar um atrativo de diferenciação da cidade de Manaus, enquanto destino turístico, devido a sua originalidade e características evolutivas e históricas da paisagem.

A valorização do patrimônio histórico-cultural, enquanto produto turístico e base para a construção da identidade é um dos aspectos que nortearam essa pesquisa, pois através desse estudo, poderão ser apresentados e discutidos novos balizadores para o desenvolvimento local, em termos econômicos, fortalecendo os laços dos moradores com a paisagem urbana da Avenida Sete de Setembro e promovendo um melhor posicionamento do destino Manaus no mercado através da diferenciação e especialização da sua oferta turística.

O contexto histórico e atual da Avenida Sete de Setembro e o seu legado para o turismo em Manaus

A importância da Avenida Sete de Setembro não se deve apenas à sua extensão ou ao fato de ser umas das principais vias de circulação da cidade de Manaus atualmente, mas também por reunir um conjunto de singularidades históricas, econômicas e contemporâneas materializadas

nas edificações, praças, bem como na evolução da própria Avenida ao longo dos principais períodos da história do Amazonas e do Brasil. Ela foi, sem dúvida, uma das primeiras ruas da cidade, quando esta ainda era o Lugar da Barra. Mas, o mais interessante é que, dentre outras características, diferencia-se das demais ruas ou avenidas por ser a única inserida no contexto histórico de Manaus, desde a pré-história até os tempos atuais.

A Avenida Sete de Setembro está assentada na área onde a cidade começou a crescer originalmente, a partir da instalação do Forte de São José da Barra do Rio Negro (1669). Porém, antes mesmo da presença do colonizador português, existia ali uma grande concentração de tribos indígenas dos Barés, Baniuas, Passés e Manaós, que constituíram o núcleo demográfico inicial desse centro urbano (IGHA, 2001). Daí a explicação para os achados arqueológicos, como artefatos e urnas funerárias de aproximadamente 1000 d.C ou 300 a.C³, no entorno da Praça Dom Pedro II, já enfocados nesse trabalho. Essa parte do passado de Manaus inserida na Avenida Sete de Setembro corresponde ao que se chama de período **Pré-Colonial**.

A Amazônia sempre estivera diretamente ligada a Lisboa, no que diz respeito aos seus assuntos coloniais, desenvolvendo-se apartadamente do Brasil. Porém, com a ocupação de Portugal pelos franceses, a transmigração da família real para o Rio de Janeiro e a criação do Reino Unido, pela primeira vez a região ficou subordinada ao sul do país (LOUREIRO, 2007). Apesar da presença do colonizador, a urbanização do Lugar da Barra em torno do Forte não obedecia nenhum plano. O terreno, onde a cidade nascia era alto e suas imediações em declive eram cortadas por inúmeros igarapés que dificultavam a continuação de uma ruela mais extensa, favorecendo os chavascals e igapós. O principal edifício da época era a Igreja, aliada do Estado, que auxiliava na catequese dos índios e na educação dos filhos dos portugueses que estavam a serviço da coroa lusitana (ANDRADE, 1985). Essa contextualização do entorno da Avenida na época da colonização, corresponde ao período da história de Manaus chamado de **Colonial**.

Após a independência do Brasil (07.09.1822), entre os anos de 1823 a 1836, na fase **Imperial**, os primeiros arruamentos do povoamento do ainda Lugar da Barra do Rio Negro

³ NEVES e SILVA, 2002, p.29 citado por ABRAHIM, 2006, p.175.

(Manaus) eram estreitos, irregulares, de barro batido e causando enormes sacrifícios aos condutores dos animais que transportavam os carregamentos de lenha, carvão e água para o abastecimento da população. As melhores residências eram as dos comerciantes, proprietários e autoridades portuguesas (ANDRADE, 1985). Em 1850, Moacir Andrade (1985) menciona que as construções residenciais eram todas levantadas sobre pau a pique e com paredes de tijolos de barro cozido, cobertas com folhas de palmeiras. O aspecto de barro batido e a irregularidade da avenida foram substituídos por uma paisagem de canteiro de obras, entre os anos 1852 a 1868. O último decênio do período **Imperial** caracterizou-se por uma intensa urbanização, fase preparatória da grande explosão modernizadora dos 20 anos seguintes, justamente no início da **República Federativa do Brasil** (15.11.1889).

Manaus, entre 1890 até 1920, experimentou um surto de desenvolvimento e transformação que buscava transformá-la numa cidade nos moldes das grandes metrópoles européias, em plena selva tropical. Assim, no relato de Andrade:

Aterraram-se igarapés, terraplenaram, arruaram, construíram pontes metálicas, instalaram trilhos de aço para os bondes ingleses, fincaram postes de ferro fundido, que distribuíram energia a toda cidade; e calcetaram as ruas, as praças, avenidas e travessas com pedras em forma de prisma, os famosos paralelepípedos de granito cor de cinza, marchetado; construíram o maior e mais moderno cais flutuante do Brasil, em frente da catedral de N. S. da Conceição. Os edifícios suntuosos, as casas de dois pavimentos, com suas varandas bordadas de artísticas grades de ferro e janelas de arco romano, guarneçada de vidros coloridos importados da Inglaterra, Escócia e da França, além dos seus belíssimos jardins cheios de angélicas (1985, p.22).

A Rua Municipal, atual Avenida Sete de Setembro, era uma das mais importantes artérias, provavelmente a mais extensa, apesar de muito estreita, ondulada e cortada por vários igarapés. (MESQUITA, 2006). Manaus foi a segunda cidade brasileira a utilizar a iluminação elétrica em seus lâmpões românticos de arco voltaico colocado ao longo de suas ruas e avenidas, transformou suas praças bem iluminadas em logradouros bonitos (ANDRADE, 1985). Andrade (1985) também destaca que na Rua Municipal ficavam instaladas as grandes empresas comerciais, além dos melhores hotéis, bancos, indústrias, entre outros. Os hotéis recebiam os endinheirados e os seringalistas possuíam belas mansões localizadas nas mais importantes ruas, avenidas e praças da

cidade. As construções e reconstruções de edificações também eram impostas pelo poder público que obrigavam a construção de sobrados (DIAS, 2007) nas novas Avenidas, tais como a Eduardo Ribeiro, as Praças da República, Constituição e XV de Novembro, bem como as ruas Governador Vitório, Tesouro, Tenreiro Aranha e Municipal (atual Avenida Sete de Setembro). Nessa conjuntura é que o desenho urbano foi sendo estabelecido nos logradouros públicos tendo a predominância deste tipo de arquitetura na paisagem urbana da avenida e rigorosa fiscalização do poder público, tanto estadual quanto municipal.

A configuração de um novo conceito de espaço urbano em Manaus foi concentrada no período da **República**, como consequência direta dos lucros auferidos no ciclo borracha, pois “era necessário que a cidade se apresentasse moderna, limpa e atraente, para imigração, o capital e o consumo” (DIAS, 2007). Ela contemplava amplas avenidas, praças, boulevares, porto, luz elétrica, redes de esgoto e de água, além dos suntuosos palacetes, teatros, bondes que faziam parte do cenário urbano daquela época. Como a Avenida Sete de Setembro localizava-se no centro da cidade, espaço que atendia às necessidades de circulação de bens e serviços do capitalismo, do consumo, do transporte de mercadorias, comércio em geral, bancos, entre outras atividades, acabou sendo um dos pontos centrais para receber esses benefícios e lugar privilegiado para a sociedade da época mostrar suas roupas, grandiosidade das suas residências e um dos pontos preferidos pelos comerciantes extrativistas. O tecido social urbano de Manaus desenvolve-se pela necessidade de promoção de reformas que facilitassem a circulação e o consumo, diferente de outras capitais daquela época que respondiam ao processo de urbanização provocado pela produção industrial. Como centro de escoamento da borracha, tudo na cidade respondia aos anseios de quem a administra e da visão de sociedade dos seus idealizadores (DIAS, 2007). Esse era o retrato sócio-econômico da Avenida Sete de Setembro no período da **República** onde o legado urbano revestido de história, com sua arquitetura homogênea e harmoniosa, ainda resiste à falta de valorização do patrimônio cultural e, principalmente, a memória da população manauara.

Além dos acontecimentos históricos que permeiam as edificações e o entorno da Avenida, os nomes atribuídos a ela também são parâmetros de construção dessa historicidade. A

nomenclatura atual se deve à data histórica para a nação brasileira – 07 de Setembro de 1822 – dia em que foi proclamada a Independência do Brasil. De acordo com Monteiro (1998), essa nomenclatura foi adotada em Manaus, a partir do decreto nº 21, de 7 de setembro de 1922. Em todo o país muitas praças, ruas e avenidas homenageiam esse fato histórico, denominando inúmeros logradouros com essa data. Com base, nos dois volumes do livro Roteiro Histórico de Manaus, de autoria do historiador Mário Ypiranga Monteiro (1998), de plantas da cidade e cartas registras catalogadas do livro de Durango Duarte (2009), as principais denominações, em ordem cronológica, que a Avenida Sete de Setembro recebeu ao longo desses anos foi: Rua Direita (1787); Rua Liberal (Entre 1831 a 1832); Rua Brasileira (1841); Rua do Sol (1844); Rua de Manaus (1866); Rua Brasileira (1879); Rua Municipal (1894 e 1895); Rua Fileto Pires (1897); Rua Municipal (1898; 1899; 1906; 1913 e 1915); Avenida Sete de Setembro (1922 e 1924); Avenida Efigênio Sales (Entre 1925 e 1929) e Avenida Sete de Setembro (193- até hoje).

Convém ressaltar que a formação da via ou trecho urbano da Sete de Setembro, que vigora até os dias de hoje, foi uma junção de várias ruas, alamedas, estradas, caminhos, onde até a primeira década do século XX (com a nomenclatura de Rua Municipal) passou a possuir a presente configuração. O aspecto atual da Avenida também deve ser analisado e contextualizado, levando-se em consideração o arcabouço legal que protege a área, a caracterização do bairro onde a mesma está localizada, as modificações sofridas com a criação da **Zona Franca (1967)** e as intervenções recentes decorrentes do **PROSAMIM (2006)**.

No que tange à caracterização do acervo patrimonial do entorno da Sete de Setembro, sua natureza tipológica é diversificada, contendo imóveis públicos e particulares, com a predominância da arquitetura civil, com exemplares de residências térreas, outras com dois andares, porões altos e entrada lateral por alpendre⁴, típicas da arquitetura eclética republicana no Brasil. Esses conjuntos são de grande visibilidade, destacando-se não só pelo estilo, mas pelas cores vivas das fachadas que contrastam com os ornamentos em tons claros. A maioria das edificações protegidas é representativa da fase áurea da borracha e correspondem a obras

⁴ É uma cobertura apoiada em pilares ou colunas, normalmente utilizados em entrada de casas, uma espécie de telhado usado acima de uma porta ou janela para abrigo contra o sol, a chuva ou para servir de simples ornato.

executadas durante o período em que foram realizadas as grandes melhorias e a expansão da malha urbana de Manaus, nas duas últimas décadas do século XIX e o início do século XX.

Enquanto bairros modernos se desenvolviam em outras áreas do município, o Centro Histórico deteriorou-se do ponto de vista da valorização econômica, apesar de concentrar funções vitais da capital, tais como os serviços financeiros e administrativos. Identifica-se hoje que o aspecto principal desta defasagem resultou da indefinição do poder público no estabelecimento de prioridades através de intervenções físicas, da implantação de infra-estruturas básicas e no controle rigoroso do espaço público. Entretanto, a partir do ano de 2006, a Sete de Setembro sofreu algumas modificações que interferiram no aspecto visual da paisagem construída, em decorrência das obras de requalificação urbana do Programa Social e Ambiental dos Igarapés⁵ de Manaus-**PROSAMIM**, do Governo Estado, financiado com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento-**BID**. Através deste programa, o governo estadual pode realizar o saneamento, o desassoreamento e, inclusive, redefinir o uso do solo às margens dos igarapés, com vistas à manutenção do patrimônio natural e melhoria das condições de vida da população envolvida. Isso impactou diretamente na reformulação de uma nova paisagem no entorno do Palácio Rio Negro e Ponte Benjamin Constant, edificações históricas que são marcos arquitetônicos na Avenida Sete de Setembro.

Antes mesmo da requalificação urbana proporcionada pelo **PROSAMIM**, não se pode deixar de mencionar a influência da **Zona Franca de Manaus** (a partir de 1967) nas mudanças urbanas sofridas no Centro nas últimas décadas, o que afetou diretamente o espaço correspondente à Avenida e seu entorno. Com a justificativa de que era necessário atender a novas demandas econômicas vividas naquele momento, grande parte das edificações antigas perderam o seu valor e foram sendo destruídas para dar lugar a prédios mais modernos. O espaço central foi, então, sendo modificado para atender às necessidades comerciais do ciclo da Zona Franca, da mesma forma que o ciclo da borracha impusera o plano de embelezamento da cidade com intervenções urbanísticas que deram origem a um novo desenho do seu centro urbano,

⁵ Palavra indígena para um rio pequeno que tem as mesmas características de um rio grande.

transformando-o em um local mais compatível com o movimento econômico da época e para os novos moradores e visitantes que eram atraídos para Manaus. No entanto, a grande diferença entre esses dois momentos da história, consiste no planejamento urbano e controle do poder público ocorrido no auge da economia do látex, o que não aconteceu no período da **Zona Franca**, responsável por um fluxo desenfreado de migrantes para a cidade, os quais passaram a ocupar desordenadamente as áreas próximas aos igarapés centrais e implantar lojas e centros comerciais que modificaram parte dos prédios e logradouros antigos, além da proliferação de ambulantes ocupando as calçadas, interferindo negativamente na qualidade visual da paisagem da Avenida e do seu entorno, situação que perdura até hoje.

Desta forma, a Avenida Sete de Setembro retrata a evolução social, histórica e econômica dos manauaras dentro de uma relação dialética entre cidadão e cidade, visitante e habitante, passado e presente. O resgate da sua construção, em conformidade com o seu entorno até os tempos atuais, é o registro dessa relação, onde os principais momentos da memória da cidade de Manaus são materializados em uma Avenida, produto dessa sociedade em constante crescimento.

O espaço construído nessa área possui todo um acervo de elementos acumulados ao longo do tempo, imprimindo à área uma imagem própria, que pode encontrar no turismo a oportunidade de valorizar e potencializar novas atividades. A contribuição desse estudo é de disponibilizar para a sociedade manauara e o *trade* turístico, a possibilidade de operacionalização de um roteiro contando a evolução histórica e social da cidade por meio da Avenida, tanto para turistas como para a população local. Essa área possui vocação para o turismo cultural, com base no patrimônio histórico e nas áreas de lazer e entretenimento de uso tanto da população residente como visitante. A condição privilegiada de centralidade urbana da Avenida Sete de Setembro possibilita um contato com o rio Negro trazendo novas perspectivas para a cidade, que no momento, busca alternativas para seu desenvolvimento, baseadas na recuperação do seu patrimônio cultural urbano.

Considerações Finais

A construção da identidade de um povo se molda a partir de sua memória, agregando seus valores, manifestações, escrevendo suas histórias que serão passadas de geração em geração,

entendimento este pouco valorizado na sociedade. Sem memória não há história, nem identidade e muito menos o futuro de uma cidade será construído, que dirá a reafirmação dos valores no presente. Reconstituir a história de uma cidade implica num processo profundo de descobertas e reafirmações dos valores culturais de uma população, que precisa interpretar o seu olhar e descobrir através de uma rua ou avenida o verdadeiro exercício de construção da sua identidade e da sua cidade. A relevância de uma rua ou avenida não pode ser resumida apenas ao contexto físico-espacial, mas também como produto da sociedade, dentro de um processo cíclico e dinâmico de interpretação de sua própria história, ligando passado e presente em um só lugar que vai se reinventando ao longo do tempo. No caso da Avenida Sete de Setembro há diferenciais significativos frente a outros espaços do centro urbano de Manaus, já que as origens e aspectos relativos à evolução da cidade convergem nesse local, onde existem edificações, praças, ponte de ferro, monumentos e, recentemente, intervenções do Governo do Estado, através do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus - **PROSAMIM**. Essa pesquisa buscou uma interpretação do lugar, não apenas como uma opção de prática do mercado a ser absorvido pelo *trade* turístico, mas também como um estudo aprofundado sobre uma paisagem urbana que reúne os principais momentos da história da cidade (desde suas origens até momentos atuais), relacionada com os aspectos sociais e econômicos dentro de um contexto evolutivo associado a fatores ocorridos em um plano regional, nacional e internacional. Pretende-se que esse descobrimento proporcione a reafirmação da identidade local, através de um olhar interpretativo da paisagem, uma nova opção de roteiro turístico ao *trade*, além de lazer aos residentes, e, sobretudo a possibilidade de reinvenção e autoconhecimento da cidade através da valorização dos seus aspectos históricos, paisagísticos e culturais. Por fim, os estudos sobre a Avenida Sete de Setembro não se esgotam nessa pesquisa. Existe a necessidade de transformar essa Avenida em um “roteiro interpretativo” fazendo com que primeiramente a população manauara reconheça a importância da historicidade da Avenida e do seu entorno, onde ao mesmo tempo essa mesma população possa se inserir dentro desse exercício de reconhecimento e reconstrução do passado em harmonia com o presente, relação vital para o desenvolvimento do seu futuro.

Referências

- ABRAHIM, Ana Lucia. **O patrimônio no Amazonas: natureza e cultura em processo**. Revista de Estudos Amazônicos Somanlu, ano 6, nº 1, Jan/jun. Editora da Universidade do Amazonas, 2006.
- ANDRADE, Moacir. **Manaus: ruas, fachadas e varandas**. Manaus: Humberto Calderaro, 1985.
- BARRETTO, Margarita. **Turismo y Cultura: Relaciones, contradicciones y expectativas**. El Sauzal (Tenerife. España): ACA y PASOS, RTPC. 2007.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação social e cultural**. (3ª ed). Manaus: Editora Valer, 2009.
- BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Tradução Josely Vianna Baptista. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio histórico e cultural**. São Paulo: Aleph, 2002.
- DENCKER, Ada de Freitas Manetti. **Pesquisa em Turismo: Planejamento, métodos e técnicas**. (9ª ed). São Paulo: Futura, 1998.
- DIAS, Edineia Mascarenhas. **A ilusão do Fausto-Manaus 1890-1920**. (2ª ed). Manaus: Editora Valer, 2007.
- DUARTE, Durango Martins. **Manaus: entre o passado e o presente**. Manaus: Ed. Mídia Ponto Comm, 2009.
- GASTAL, Susana. O produto cidade: caminhos de cultura, caminhos de turismo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org). **Turismo urbano**. (2ª ed). São Paulo: Contexto, 2001.
- INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO AMAZONAS. **332 anos de Manaus: história e verdade**. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado, 2001.
- LOUREIRO, Antônio. **O Amazonas na época imperial**. 2 ed. Manaus: Editora Valer, 2007.
- MANAUS (AM). Prefeitura. **Lei Orgânica do Município de Manaus**. Manaus: Câmara Municipal, 1990.
- MAZARO, Rosana Mara e VARZIN, Giovani. **Modelos de Competitividad para Destinos Turísticos en el Marco de la Sostenibilidad: Competitiveness Models for Tourist Destinations into the Sustainability**. Context. RAC, Curitiba, v. 12, n. 3, p. 789-809, Jul./Set. 2008.
- MESQUITA, Otoni Moreira de. Manaus: **História e Arquitetura-1852-1910**. (3ª ed). Manaus: Editora Valer, 2006.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Roteiro Histórico de Manaus**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1998, 2 v.
- MURTA, Stela Maris, ALBANO, Celina (orgs). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2005.
- PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Turismo, planejamento sócio-espacial e patrimônio histórico-cultural. In: PORTUGUEZ, Anderson Pereira (Org). **Turismo, Memória e patrimônio cultural**. São Paulo: ROCA, 2004.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. (2ª ed). São Paulo: Hucitec, 1980.
- _____. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SILVA, Maria da Glória Lanci da. **Cidades turísticas: identidades e cenários de lazer**. São Paulo: Aleph, 2004.
- YIN, Robert. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi. (3ª ed). Porto Alegre: Bookman, 2005.